

# REFLEXÕES SOBRE O ARQUÉTIPO DA BRUXA: O mito de Hécate e o processo de demonização feminina

Inge Buchs Marchesini<sup>1</sup>

Kércia Fonseca da Cruz<sup>2</sup>

Maria da Glória Gonçalves Santos<sup>3</sup>

## Resumo

O presente artigo teve como objetivo discutir sobre o processo de demonização feminina que faz parte da história de diversas sociedades, através da análise de documentos dos séculos XV e XVIII que perpassam o período da inquisição e caça às bruxas, bem como artigos empíricos que refletem sobre o papel social do feminino medieval e atual, e o mito de Hécate, a partir da perspectiva da Psicologia Analítica, trazendo o arquétipo da bruxa como principal referencial teórico ao traçar um comparativo com a forma que a mulher é vista no mundo contemporâneo e os processos de demonização sofridos na idade média.

**Palavras-chave:** Feminino. Arquétipo. Demonização.

## Abstract

The present article aims to discuss the demonization of womanhood as a process that runs through the history of many civilizations, through an analysis of documents pertaining to the 15th and the 17th century addressing the Inquisition and witch hunt period, along with academic papers containing reflections about the social role of women in both medieval and contemporary times, as well as the myth of Hekate, through the perspective of Analytical Psychology, using the Archetype of the Witch as the main theoretical reference while a comparison is made between the way women are portrayed in the modern times and the process of demonization they suffered through the middle ages.

**Keywords:** Womanhood. Archetype. Demonization.

## 1 INTRODUÇÃO

No imaginário social, conforme podemos observar nas mídias, o feminino instiga o fascínio ao mesmo passo em que desperta o medo no coração dos homens, sendo frequentemente associado ao maléfico e oculto. A título de exemplo, é possível citar desde as bruxas queimadas até as vilãs de novela em horário nobre, símbolos que trazem o mesmo conceito: mulheres que dominam a maldade e a inteligência, que não possuem um homem como figura superior, que são tão temidas quanto desejadas e que, inevitavelmente, merecem uma morte muitas vezes caricata. A representação segue a mesma na grande maioria dos casos.

A figura da Bruxa, em específico, mostra-se presente durante toda a história da humanidade, vagando desde mitos e lendas até se apresentar como um dos arquétipos conceituados por Carl G. Jung (1959). Os arquétipos são imagens universais que fazem parte do inconsciente coletivo, repertório da psique comum a todos os indivíduos e que se projetam

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia no Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE).

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Psicologia no Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE).

<sup>3</sup> Professora do curso de Psicologia no Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE).

em diferentes âmbitos da vida humana. A origem destes não é conhecida, e eles se repetem em qualquer época e lugar do mundo, tendo assim seu aspecto universal característico, que será o principal ponto teórico utilizado nesta pesquisa.

Com a ascensão do cristianismo, a imagem da bruxa se tornou ainda mais intrínseca ao feminino, culminando no fenômeno da Inquisição que, apesar de ter ocorrido há centenas de anos, permanece causando efeitos na vivência das mulheres na sociedade moderna, especialmente no que se refere à submissão e à misoginia. As bruxas atuais, sejam as que estão de fato ligadas à religião, as que são pintadas por contos de fada ou simplesmente mulheres que discordam da regra padrão, sofrem uma perseguição velada, que aparece como tentativa de submetê-las ao que é exigido pelo patriarcado.

A independência e o domínio do místico associado à imagem de mulher livre causam certa ameaça ao homem, este que foi criado na premissa de ser soberano, e o receio resultou num longo processo de opressão sobre estas qualidades femininas. É negado à mulher o direito de ser mulher e conectar-se com a ancestralidade simbólica, a qual pode ser encontrada no arquétipo da bruxa, que está passando por um resgate social de acordo com as mudanças no cenário da contemporaneidade, mesmo que ainda seja criticado e vetado.

Adaptado a diferentes culturas como no mito grego de Hécate, que aqui será amplamente discutido, na Lillith do cristianismo, nas Iyamis do candomblé, no mito egípcio de Ísis, entre outras diversas representações, o arquétipo da bruxa, enquanto expressão da mulher selvagem e como figura de poder, regente da natureza e da magia, perpassa a construção histórica do feminino aos olhos do mundo. Falar sobre Hécate dentro deste cenário se torna natural ao passo em que se ganha conhecimento aprofundado sobre seu mito, pois para além de ser vital na análise do arquétipo da bruxa, citar aquela que é a Deusa destas e engloba tudo que o arquétipo representa, Hécate é em primeiro lugar mulher insubmissa e selvagem.

Baseada nas diferenças corporais, na capacidade de procriar e na incompreensão do homem acerca da essência feminina, a associação da mulher como algo inerente ao mal surgiu como uma estratégia de controle, fazendo parte de um discurso de aversão e medo que sustentou — e ainda sustenta — ações misóginas durante séculos. Começando por aquelas que se conectavam com sua herança do arquétipo da bruxa e expandindo a busca para toda e qualquer mulher, a perseguição e supressão à natureza do feminino deu margem para o período da Inquisição, um cenário da tentativa de eliminação da liberdade de ser mulher e palco principal da transformação da identidade feminina, domesticada e submissa para tentar se salvar da fogueira.

Para falarmos sobre a inquisição, no entanto, é preciso lançar um olhar ao contexto histórico e social daquela época, quando uma crise intensa assolava a sociedade da Europa Ocidental como um todo. Os conflitos rurais e urbanos, a escassez de alimentos, e a reincidência da peste negra que causava mortes em grandes números, foram apenas alguns dos vários aspectos críticos que marcaram o século XIV. Conforme mais e mais calamidades assolavam as comunidades, o discurso da igreja passou a pregar com ainda mais força que todos esses eventos eram provas do poder avassalador do diabo, que se estendia para acabar com os fiéis devotos de Deus.

O efeito de tal narrativa gerou um medo imensurável na população, que agora temia qualquer mínimo desvio de sua conduta por receio de se tornarem o próximo alvo da ira divina, e conforme os anos avançavam e o medo ganhava poder, documentos oficiais passaram a ser elaborados para punir todo tipo de heresia. É nesse cenário, em 1486, que surge o *Malleus Maleficarum* — um manual de identificação e caça às bruxas — cujo impacto social foi tamanho que inevitavelmente a história seguiu para o único caminho que parecia possível naquela época: a inquisição.

Salta aos olhos uma característica profundamente marcante do documento: o caráter misógino do discurso adotado. Toda a obra é permeada de referências fortes sobre a natureza torpe do caráter feminino e sua ligação com o mal. As mulheres são descritas como poderosas e merecedoras de temor. Seu olhar possui efeitos extraordinários, e suas palavras, quando proferidas intencionalmente, podem produzir efeitos sobrenaturais prodigiosos. (PORTELA, 2017)

Os tribunais, que já ativamente julgavam e condenavam práticas de bruxaria, ganharam ainda mais força após a publicação do *Martelo das Feiticeiras*, e sua influência social foi tão grande que nem mesmo o fato de ter sido listado no *Index Librorum Prohibitorum*, uma lista de publicações proibidas pela igreja católica, impediu que o manual fosse utilizado em julgamentos como guia para condenação de bruxas.

A propagação foi imensa e as justificativas para manter a constante da perseguição se tornavam cada vez mais absurdas, uma vez que mínimas coisas eram suficientes para gerar desconfiança e acusações. Segundo Portela (2017):

[...] naturalmente propensas à maldade e especialmente escolhidas pelo diabo como suas parceiras, as mulheres entregues à prática da bruxaria poderiam lançar toda a sorte de enfermidades sobre seus inimigos, especialmente os adeptos da fé cristã. Quase tudo poderia ser imputado à bruxa: partos prematuros, disfunções da sexualidade masculina, doenças, morte de animais, problemas nas colheitas, tempestades e infortúnios dos mais variados tipos. De fato, a bruxaria adquiriu, em que pese à publicação do *Malleus* no século XV, um patamar inovador: o de seita organizada composta essencialmente de mulheres que em uma ação de pacto diabólico serviriam ao mal na tentativa de destruir a cristandade. (PORTELA, 2017)

Como uma espécie de contenção literária, o *Martelo das Feiticeiras* foi responsável por muitas mortes e contribuiu para a opressão do feminino, que agora precisava ser moldado pelo pouco que era bem visto além do que o livro condenava.

Sendo um período histórico bem conhecido e estudado, a inquisição se torna um dos melhores exemplos de como a figura mística da bruxa é tratada em escala global. Para além do fato da inquisição não ter sido restrita apenas à Europa e sim se espalhado por todo o mundo, com relatos de caça às bruxas existindo na América do Norte e do Sul, ela também denota o caráter universal do arquétipo que aqui abordaremos.

## **2 MÉTODO**

### **2.1 DELINEAMENTO**

A partir do viés da Psicologia Junguiana como fundamentação teórica, este artigo foi construído em caráter documental, método que vem sendo bastante utilizado em propostas de investigação sócio-históricas.

Dentro desta perspectiva, foram realizadas leituras de artigos teóricos e textos históricos relacionados à prática da bruxaria, buscando fazer uma relação destes com o mito de Hécate, proveniente da mitologia grega, e o arquétipo da bruxa, visando identificar as formas nas quais esse arquétipo se apresenta e sustenta na sociedade atual.

### **2.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS**

Foram escolhidos para leitura e análise documentos publicados durante o século XVIII, na Europa, acerca da prática de bruxaria e a condenação desta, o livro *Malleus Maleficarum* (Martelo das Feiticeiras), cuja importância e peso influenciaram diretamente no fenômeno da inquisição, sendo publicado pela primeira vez em 1486, a obra teórica de Carl G. Jung e os artigos referenciados para engrandecer o embasamento teórico aqui discutido, sendo incluídos aqueles que tratavam da ligação entre a história da inquisição e o machismo na atualidade, visto que esta pesquisa também buscou fazer uma relação entre esse período histórico e a misoginia presente no mundo moderno, que se apresenta com um caráter aproximado ao medieval, ainda que séculos já tenham se passado.

O mito de Hécate foi utilizado como principal exemplo do arquétipo da bruxa, onde uma ligação entre sua estória e os processos de demonização feminina foi feita, buscando mostrar como o maligno é associado ao feminino desde a antiguidade e como essa relação se mantém até hoje.

### 3 RESULTADOS

Conforme será abordado e amplamente desenvolvido na discussão, os resultados obtidos a partir da leitura dos documentos e dos artigos teóricos sugerem a possível existência da relação entre a demonização histórica do feminino e a visão da sociedade contemporânea acerca deste.

Observamos que as condenações propostas pelo *Malleus Maleficarum* (1486) em nome do Cristianismo da época — que fazia uma ligação direta entre mulheres e o Diabo — podem ter restringido o comportamento das mulheres. Utilizando como base para análise do exemplar, juntamente com o artigo “*Malleus Maleficarum: bruxaria e misoginia na Baixa Idade Média*”, de Ludmila Portela, podemos pensar em como se moldaram as representações sociais de gênero sob a ideia da mulher pecaminosa que precisa ser domada, noção que aponta justamente para a contenção das qualidades femininas. No entanto, a autora traz que esta perseguição realizada pela Igreja dentro do viés patriarcal não impediu que muitas mulheres caminhassem na direção contrária da opressão, assumindo o protagonismo em suas vidas e espaços de atuação, como casa ou trabalho.

Um contraponto que pudemos realizar em relação a isto se fez a partir do examinar de “*Ressonâncias medievais no feminino contemporâneo: os modelos de feminilidades do medievo e sua relação com a violência contra as mulheres.*”, artigo escrito por Rodolfo Bastos, quando o autor traz que os aspectos femininos que destoam da submissão esperada pelo modelo patriarcal “ainda são condenados e condenáveis nos dias de hoje em nossa sociedade, pois remetem à depreciação, violência, exclusão”. Não se nega, então, que as mulheres de fato continuaram em busca da liberdade e da conexão com a essência do feminino, porém, ainda são abertamente julgadas e perseguidas por isso, o que pode ser confirmado com o crescimento de 7,2% dos índices de feminicídio. (dados levantados em 2019, no Brasil).

Foi possível considerar que a misoginia continua detendo grande força no que se refere ao posicionamento da sociedade e a imagem da bruxa é demonizada até o presente momento, enquanto mulher ligada ao maléfico e à desobediência, posta como o “lado ruim” da mulher, aquele que não deve ser aceito ou suportado. Esse caráter atemporal da figura da bruxa faz parte da análise do arquétipo feita a partir dos estudos de Carl G. Jung, que examinamos através do mito grego de Hécate e as relações deste com a atualidade.

### 4 DISCUSSÃO

Mas quem, afinal, é Hécate? A primeira menção desta se dá na Teogonia, escrita por Hesíodo em 700 a.C., onde parte de seu mito é contado. Filha de Perses e Astéria, Hécate se difere do restante dos deuses gregos por ser uma Titânida, ou seja, uma Deusa pré-olimpiana. Quando os olímpianos, liderados por Zeus, entraram em guerra contra os titãs, liderados por Cronos, Hécate se virou contra seu próprio povo e se aliou aos deuses olímpicos, fator que foi decisivo para a vitória deles.

No Hino Homérico a Deméter, de autoria anônima, escrito em VII a.C., Hécate é mais uma vez citada por auxiliar na busca de Perséfone, que havia sido raptada por Hades. Após ajudar Deméter a se reunir novamente com sua filha, Hécate se torna companheira de Perséfone na sua jornada anual de ida e volta ao submundo. Por conta disso, Hécate ganha certo destaque nos Mistérios de Elêusis, ritos de iniciação das Deusas agrícolas Deméter e Perséfone, tidos como de importância vital naquela época e guardados como os mais preciosos segredos.

Associada com encruzilhadas, magia, tochas, limiões, bruxaria, conhecimento sobre ervas e plantas venenosas, necromancia, abertura de caminhos, fantasmas, feitiçarias de todos os tipos e diversas mais coisas, Hécate é uma Deusa de habilidades diversas. Cultuada nas casas como protetora, chamada para auxiliar tanto em partos quanto na passagem para o outro lado, evocada para que a colheita fosse farta, e também para amaldiçoar e tirar a vida de seus inimigos, é possível dizer que Hécate tem muito mais do que apenas as três faces retratadas em suas estátuas.

Seu conhecimento e domínio sobre aspectos tão vastos e opostos faz com que se espere contos elaborados para entender toda a complexidade que a rodeia, mas Hécate, no entanto, é pouco discutida dentro do panteão grego. São pouquíssimos os escritos que falam sobre a Deusa das Encruzilhadas, e ainda que sua presença seja de vital importância para o andamento e sucesso dos poucos contos que a descrevem e os demais deuses a tenham com grande respeito, Hécate é em sua maior parte tida como personagem secundária dos mitos em que participa.

A grande maioria dos relatos sobre a guerra entre olímpianos e titãs trazem que Zeus, em toda sua poderosa figura, retirou o poder de todos os titãs, mas foi suficientemente bondoso para ceder a Hécate o domínio sobre céu, terra e mar. Hécate foi posta em uma posição de segundo plano, agraciada por um Deus todo poderoso — e homem — porque ele foi benevolente. A verdade, porém, é que Hécate já possuía, desde o nascimento, todos os poderes e bens que supostamente ganhou de Zeus. Em Teogonia, Hesíodo conta:

E Astéria concebeu e pariu Hécate, aquela que Zeus, filho de Cronos, honrou acima de todos. [...] O filho de Cronos a ela não cometeu nenhum mal, também não lhe tirou nada que lhe pertencesse dos Titãs por direito: ela tem, assim como a divisão determinava desde o início, domínio e privilégio sobre a terra, o mar, e os céus.<sup>4</sup> (HESÍODO, 700 a.C, **tradução nossa**)

O que Hesíodo traz é uma exceção, gradualmente esquecida e que parece estar desaparecendo de quase todos os documentos originais. Por consequência, os estudos sobre mitologia também são afetados, fato que pudemos observar na extensa dificuldade na busca por documentos que tratassem da história de Hécate de maneira sucinta. Se tornou mais fácil atribuir a Zeus, que dentro de uma análise de viés junguiano pode ser considerado uma grande figura de poder masculino, em soberba e autoridade, a bondade em ceder parte do seu mérito à Hécate, apagando o protagonismo desta.

---

<sup>4</sup> "Asterie conceived and bore Hekate, whom above all Zeus Kronides = son of Kronos = honored. [...] Kronides never did her violence or took from her what she had from the distribution among the former Titans, but she retained all as the distribution was first done. Although only-begotten, the goddess did not receive a lesser share of honor and privileges in the earth and Ouranos and sea." (Theogony, Hesiod, 500 BC)

Um ponto que chama atenção durante a leitura da Teogonia, no entanto, são as diversas associações de Hécate listadas no documento. Sempre enaltecendo a generosidade da Deusa para com aqueles que ela favorece, Hesíodo descreve como ela concede todo tipo de benção: Hécate ajuda marinheiros a terem uma pesca farta e a se protegerem das tempestades violentas, auxilia os soldados em guerra a saírem vitoriosos e retornarem seguros para seus lares, faz o gado ser farto e saudável, observa os julgamentos ao lado dos reis para que a sentença dada seja sempre justa, tira do caminho de seus favorecidos qualquer obstáculo se assim eles merecerem, e também auxilia no comércio, dando destaque aos vendedores que a cultuam. Para além disso, Hesíodo finaliza seus escritos sobre Hécate com o seguinte parágrafo:

Mesmo sendo filha única de sua mãe, ela é honrada com privilégios entre todos os imortais. Zeus Cronida fez dela a Cuidadora da Juventude, que, ao segui-la, viu com seus próprios olhos a luz do tão esperado amanhecer. Portanto, desde o início ela foi Cuidadora da Juventude, e esses são seus domínios.  
<sup>5</sup>(HESÍODO, 700 a.C, tradução nossa)

Auxiliando desde a pesca e comércio até guerras e julgamentos justos, Hécate parece ter um papel de benevolência como Deusa, concedendo benção e proteção para todos aqueles que a honram. Como, então, uma Deusa inicialmente tão associada com o cuidado e a proteção, desde adultos até crianças, ganhou o título de Rainha das Bruxas e suas associações com maldições e fantasmas?

Sua ligação com o submundo pode ser entendida ao analisar a relação que ela tem com Perséfone. Após informar Deméter sobre o paradeiro de sua filha desaparecida, Hécate se torna a guia e companheira da jovem em sua descida para o submundo de Hades. Espíritos e mortos habitam esse lugar, então a ligação é de certa forma compreensível, mas possuía um tom muito mais benevolente na antiguidade do que possui agora. Hécate acompanha Perséfone na descida para o submundo não apenas por esse ser um de seus domínios, garantindo assim proteção e passagem segura para a jovem Deusa, mas também por um de seus epítetos ser *Phosphoros*, ou em tradução direta ao português, Portadora da Luz.

O submundo é um lugar naturalmente escuro visto que se encontra abaixo da terra, então para se guiar por lá é necessário algum tipo de iluminação. Hécate, para além de possuir uma associação muito forte com caminhos e, portanto, saber como avançar até mesmo pelo mais obscuro deles, é frequentemente associada com a luz. Sempre representada com tochas em suas mãos para iluminar os caminhos, sendo *Dadophorus* (Portadora das Tochas) também um de seus títulos, o papel de Hécate em sua descida ao submundo segue sendo um de guia e iluminação.

Até então, em todos os documentos estudados, sua associação com a parte tida como maligna da magia permanece em águas turvas. Ao sairmos dos mitos e analisarmos a sociedade grega da antiguidade, no entanto, um aspecto chama a atenção quando se trata da organização religiosa da época: a maior parte dos ritos e cultos, por mais exclusivos que fossem, como o exemplo dos Mistérios de Elêusis, eram performados em grupo e publicamente, exceto pelos cultos a Hécate.

Apesar de muito popular, a Deusa possuía poucos templos dedicados exclusivamente a si, o mais conhecido deles ficando na cidade de Langina, na região da Cária. Ao invés de ter seu próprio templo, Hécate costumava possuir altares particulares em templos alheios, e um

---

<sup>5</sup> "Thus, even being the only begotten of her mother, she is honored with privileges among all the immortals. Kronides made her Nurturer of Youths who after her with their eyes saw the light of much-seeing Dawn. Thus from the beginnings she was Nurturer of Youths, and these are her provinces." (Theogony, Hesiod, 500 BC)

dos artefatos mais antigos de seu culto se encontra no templo de Apolo em Mileto, datando VII a.C. Esse fato pode ser associado a um dos relatos de Hesíodo na Teogonia onde ele afirma que se uma pessoa quer ganhar o favor dos Deuses, ela primeiro chama por Hécate. Está no seu poder a possibilidade de conceder ou negar qualquer benção ou favor independente do pedido ser direcionado a ela ou não, pelo simples fato de que bênçãos operam através da magia e a magia em sua totalidade está sob o domínio de Hécate.

Para além dos templos, altares para Hécate eram postos nas portas de casas e nas entradas das cidades para que a Deusa protegesse os lugares de espíritos inquietos e outros tipos de criaturas. Pequenas estátuas de Hécate com três faces encarando direções diferentes eram usadas nos altares caseiros, assim como máscaras com três faces eram penduradas nas portas das casas para se garantir proteção. Esse mesmo tipo de estátua, em uma versão maior, era visto também nas encruzilhadas ou em entradas de locais importantes, como as fronteiras entre as cidades. Nas encruzilhadas, as estátuas eram frequentemente acompanhadas de altares para a Deusa, onde os viajantes deixavam oferendas de alimentos a noite para que ganhassem proteção contra os espíritos vagantes.

A associação de Hécate com espíritos pode ser entendida por tanto o nascimento quanto a morte serem estados de transição, e a mesma reinar sobre os limiares. Para os gregos, os espíritos que não completavam sua passagem permaneciam no domínio de Hécate e ficavam a seu serviço, prontos para fazer o que quer que a Deusa ordenasse. Eles ganhavam o nome de daimones, e as explicações dadas sobre os mesmos variam bastante.

Algumas interpretações dizem que eles são almas irrequietas cuja entrada no reino de Hades foi negada por terem morrido antes do tempo, de um jeito violento, ou pela ausência dos rituais funerários apropriados. Essas almas permaneciam em uma espécie de limbo, ou seja, um limiar entre a vida e a morte e, portanto, sob o domínio de Hécate. Por outro lado, Hesíodo descreve os daimones como espíritos imortais de uma raça dourada que cuidava de nós, mas que não possuíam atributos divinos próprios. O domínio de Hécate sobre os espíritos e sobre os daimones nos mostra que Ela é ao mesmo tempo aquela que protege os vivos contra os espíritos perniciosos, como também quem os lidera. (SIEGEL, WYVERN, 2012)

É possível perceber aqui uma forma mais obscura de suas associações, e ainda que seja Hécate quem garanta proteção contra os espíritos, ela o faz por ser aquela que os comanda e isso dá um tom mais intenso aos seus poderes. Se ela pode conter os espíritos para que não ataquem alguém, também está ao seu alcance enviar os espíritos para causar danos caso assim deseje. Aqui se torna notável que ainda que os domínios de Hécate façam com que a mesma vague por campos mais obscuros, seus atributos e poderes não se resumem apenas a isso, visto que na maior parte dos relatos observados ela é chamada justamente para dar proteção.

Ao avançar um pouco no tempo, encontramos uma menção significativa da Deusa nos Oráculos Caldeus, um conjunto de versos atribuídos a Julian, the Chaldean, onde através de um transe místico, o rapaz narra o nascimento do universo. Os Oráculos descrevem como o Primeiro Pai (uma espécie de mundo das idéias) se relaciona com o Segundo Pai (o mundo material) e como a partir disso o universo foi criado. Hécate é a única divindade feminina a ser citada nos versos, e tem como papel conectar o mundo das idéias com o mundo material. Seu papel como Deusa dos Limiares aqui é muito forte por conectar duas divindades, e para além disso ela é descrita como "o útero do qual tudo nasce, sejam os mundos em si ou as almas", visto que se não for pela ligação dela nada se cria.

Comparado com as associações anteriores, o papel que Hécate assume nesse documento é completamente pautado na luz e na criação, em tudo que pode ser descrito como mais puro, e não por coincidência: os Oráculos Caldeus foram escritos aproximadamente III d.C. Sendo o

último resquício do paganismo antigo, é possível perceber a influência do cristianismo nestes, visto que as duas figuras masculinas e a figura feminina descritas no documento podem ser facilmente relacionadas com figuras da mitologia cristã: Deus, Jesus, e a Virgem Maria.

A completa falta de menção dos atributos menos "iluminados" de Hécate torna possível teorizar uma tentativa de purificação da Deusa nessa época, onde suas qualidades maternas e cuidadoras foram exaltadas, e todo o resto tido como mais pesado e obscuro foi jogado nas sombras para ser esquecido.

Ao analisar a imagem mantida de Hécate na atualidade, no entanto, se percebe que essa tentativa não foi bem sucedida. Os Oráculos Caldeus se tornaram muito populares entre os neoplatonistas, tendo até mesmo uma espécie de culto chegado a se desenvolver, mas a imagem de uma Hécate purificada não vingou conforme os anos avançaram. A multiplicidade de seus domínios sempre foi sua característica principal, e mesmo após a ascensão do cristianismo, cultos privados e particulares em seu nome continuaram ocorrendo nas casas de cada devoto.

Isso marca um aspecto muito particular do culto a Deusa: tendo em mente que quando o cristianismo ganhou popularidade os cultos em templos foram banidos juntamente com as celebrações públicas e coletivas, tidas agora como pagãs, as proibições não chegaram a tocar diretamente os devotos de Hécate visto que a maior parte de suas práticas ocorriam isoladas dentro de suas próprias casas. A igreja não tinha como controlar o culto de uma Deusa a qual ela não tinham acesso, e a partir daí percebemos uma ênfase nos aspectos tidos como "negativos" de Hécate, onde ela deixa de ser uma figura que concede bênçãos e protege seus devotos, e se torna aquela que amaldiçoa e fere a humanidade.

Se torna válido também mencionar a aparição da Deusa nos Papiros Mágicos Gregos (do latim *Papyri Graecae Magicae* - PGM), um conjunto de textos majoritariamente em grego antigo, escritos entre os períodos de II a.C e V d.C. Muitas das partes dos papiros são trechos ou páginas isoladas de livros de encantamentos antigos, e algumas dessas páginas possuem citações sobre Hécate, vagando desde hinos em sua homenagem até maldições usando seu poder. Uma parte em específico dos papiros chama a atenção, no entanto, mencionando Hécate como aquela que possui as chaves para o Tártaro.

O Tártaro é a personificação do mundo inferior na mitologia grega, contendo nele as cavernas e grutas mais profundas e os cantos mais terríveis do reino de Hades, o mundo dos mortos onde os inimigos do Olimpo são enviados e os crimes encontram sua devida punição. Apesar de já ter sido anteriormente associada com cavernas e chaves, Hécate até então não havia sido relacionada com o submundo em um aspecto tão obscuro e brutal. Visto que parte dos papiros foram escritos após o surgimento do cristianismo, e que até antes desse evento as associações de Hécate vagavam para uma pluralidade de poderes ao invés do predomínio de um único aspecto, se torna possível pensar que os trechos contendo relações majoritariamente tenebrosas foram escritos após a disseminação da religião cristã.

A transformação da Deusa para um aspecto totalmente "maligno" foi tão intensa que até mesmo sua imagem se modificou: Hécate, que antes era descrita como uma mulher jovem de pele branca como a lua e cabelos negros e longos como a noite, se tornou uma velha de nariz avantajado e verrugas na pele. Sua figura caricata não por coincidência nos remete a típica imagem da bruxa no imaginário social: Hécate também se tornou a Rainha delas, não por reinar sobre a magia e seus mistérios como antigamente, mas sim por comandar hordas de espíritos malignos e amaldiçoar aqueles que cruzassem seu caminho.

Ao ser relacionada com o oculto e com o poder da bruxaria, Hécate se tornou ainda mais exemplo do arquétipo da bruxa, pois além de já possuir as qualidades que fazem parte dessa imagem, ela se tornou temida e, especialmente, silenciada. A "parte ruim" do que se refere à Hécate, como a ligação com o submundo, com a regência de espíritos e com a magia,

contribuiu para o desaparecimento do culto dessa Deusa, bem como para a demonização de seu nome.

Dentro da Psicologia Junguiana, o arquétipo da bruxa pode ser melhor explicado dentro do que o arquétipo materno representa. A linha é muito tênue, como pudemos observar na transformação de Hécate de Grande Mãe para Rainha das Bruxas. Como foi trazido por Jung, o arquétipo materno possui inúmeras facetas:

Seus atributos são o "maternal": simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal. (JUNG, 1959)

O que determina o que é bom ou mal dentre esses aspectos inconscientes pertencentes ao arquétipo é o que se espera dele na experiência consciente, ou seja, a partir da cultura e dos valores de uma sociedade, por exemplo. Com a ascensão do cristianismo, que contribuiu para o apagamento do culto à Hécate, exigia-se da mulher as qualidades da mãe boa e pura, representada principalmente pela Virgem Maria, uma vez que o que fugisse dessa norma era condenado sob a justificativa de associação com o Diabo. A bruxa se tornou parte renegada do feminino.

Podemos considerar, inclusive, que por serem historicamente reprimidos — a partir do momento em que o Cristianismo condenou quase todos os aspectos femininos que não faziam parte da noção de "Virgem Maria" — diversos valores da alma feminina foram colocados à sombra, um dos conceitos de junguianos acerca da alma e personalidade humana. A sombra se refere a tudo aquilo que não é aceito ou explorado pelo indivíduo, o lado escuro e tenebroso da nossa natureza (JUNG, 1964). Não é boa e nem ruim, apenas está, de certa forma, escondida.

Assim como a face "obscura" de Hécate era pouco mencionada, como pudemos observar na dificuldade em encontrar documentos que tratassem da Deusa em sua totalidade de poder, os atributos considerados nefastos que fazem parte da alma feminina foram cada vez mais suprimidos. A Inquisição se fez presente como um dos elementos mais potentes no que se refere à repressão do feminino, como citamos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com as análises aqui apresentadas a partir dos documentos examinados, é possível dizer que o processo de demonização feminina de fato deixou uma herança no que se refere à maneira que as mulheres são vistas na sociedade atual, respondendo ao problema que embasou a pesquisa realizada.

É importante tratar do papel da Psicologia nesse contexto, como espaço de reflexão e compreensão, especialmente dentro do viés da teoria junguiana, que ressalta a relevância do inconsciente coletivo que foi aqui exemplificada através do mito de Hécate. Os arquétipos enquanto parte do sujeito são moldados de acordo com a cultura e, considerando que o patriarcado domina grande parte da construção social, podemos dizer que a figura da bruxa, por séculos difamada, ainda sofre repúdio, o que nos leva a pensar vivência contemporânea do feminino. O poder de Hécate, representando o arquétipo aqui abordado, é o poder da mulher

que está sendo resgatado aos poucos, a energia inconsciente que nunca deixou de existir, mas é incessantemente confrontada.

Apesar do grande crescimento dos movimentos feministas que buscam a libertação e a igualdade, de mulheres que são chefes das famílias ou daquelas que são donas da própria vida, lidamos com uma insistente violência direcionada a essas lutas diárias femininas. As bruxas modernas, não exatamente ligadas à religião ou aos dogmas desta, são tão abominadas quanto aquelas que se tornaram cinzas. O corpo feminino ainda é sexualizado e violado em nome do pecado que a ele é atribuído, a essência feminina permanece sendo ridicularizada e todos nós continuamos existindo como testemunhas de uma fogueira em praça pública — a nossa, porém, está na violência doméstica dentro casas, nas estatísticas informadas pela televisão ou nas redes sociais que contribuem para o silenciamento da bruxa presente em toda mulher, seja essa expressa por ela ou não.

Se a extinção das fogueiras é utópica, que o fogo então ilumine tudo aquilo que ao feminino foi negado, tornando possível a integração desses aspectos previamente banidos da psique. O feminino é sombra, mas tal qual Hécate, ser sombra nunca significou ser nefasto.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, G. X. Das vassouras aos ramos: o arquétipo das benzedeadas nas antigas bruxas medievais. **Mandrágora**, v.21. n. 21, p. 119-133, 2015.

BASTOS, R. A. S. M. Ressonâncias medievais no feminino contemporâneo: os modelos de feminilidades do medievo e sua relação com a violência contra as mulheres. **Mandrágora**, v.22. n. 2, p. 67-89, 2016

CAMPOS, A. A. As Bruxas retornam... Cacem as Bruxas! (um argumento para o controle histórico da sexualidade feminina). **Revista Espaço Acadêmico**, n. 104, p. 64-72, 2010

CLAY, J. S. The HecateoftheTheogony. **GRBS** 25, 1984

DIAS, B. V. K.; CABREIRA, R. H. U. A Imagem da Bruxa: da Antiguidade Histórica às Representações Fílmicas Contemporâneas. **IlhaDesterro, Florianópolis**, v. 72, n. 1, p. 175-197, 2019.

G. R. A. M. The Belief of Witchcraft Vindicated: Proving, From Scripture, there have been Witches, and, from Reason, that there may be Such still. In Answer to a late pamphlet, intituled, The Impossibility of Witchcraft: Plainly proving, from Scripture and Reason, That there never was a Witch. Printed for J. Baker, at the Black-Boy in Pater-Noster-Row, **Price Six Pence**, 1712.

HESÍODO, **Teogonia**, 500 a.C

JOHNSTON, Sarah I. **Hekate Soteira**. Scholars Press, 1990

JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis. Editora Vozes, 1959

JUNG, C. G., et. al. **O Homem e Seus Símbolos**. Rio de Janeiro. HarperCollins Brasil, 3ª edição especial, 2016

MOONEY, Carol M., **Hekate: Her Role and Character in Greek Literature from before the Fifth Century B.C.** 1971.

LARocca, G. M. A representação do mal feminino no filme A Bruxa. **Gênero**, v. 19 n.1, p. 88-109, 2018

OU, A. The Liminal and Universal: Changing Interpretations of Hekate, **Berkeley Undergraduate Journal of Classics**, v. 5, 2016

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1997.

PIRES, J. D. A. Visões sobre o feminino e o corpo na Idade Média. **Feminismos**, vol.3, n.2 e 3, 2015

PORTELA, L. N. S. MalleusMaleficarum: bruxaria e misoginia na Baixa Idade Média. **Religare**, v. 14, n. 2, p. 252-281, 2017

RABINOWITZ, Jacob. **The Rotting Goddess: The origin of the witch in classical antiquity's demonization of fertility religion**. Autonomedia, 1998.

REIS, M. V. Entre a permissão divina e a danação mundana: a construção do MalleusMaleficarum sob a ótica do medo no Ocidente. **Pergaminho: Revista discente de Estudos Históricos**, v. 1, p. 73-88, 2010

SIEGEL, D., WYVERN, N. **A Magia de Hécate: uma roda do ano com a rainha das bruxas**. Editora Madras, 2012